

Minorias crescem e alteram a política e a economia dos EUA

Conor Dougherty

Os brancos estão prestes a se tornar minoria entre recém-nascidos nos EUA, numa mudança demográfica que já começa a alterar a política e a economia do país.

O censo anunciou ontem que minorias de outras raças responderam por 48,6% das crianças nascidas nos EUA entre julho de 2008 e julho 2009, ganhando terreno em relação aos 46,8% de dois anos antes, apesar de a imigração para o país ter enfraquecido em meio à pior recessão em décadas. A trajetória sugere que os EUA logo atingirão um ponto em que os nascimentos de minorias vão ofuscar os de brancos com ascendência europeia, dizem demógrafos.

"A questão é quando", diz Kenneth Johnson, demógrafo do Instituto Carsey da Universidade de New Hampshire. Seu palpite é de que esse marco demográfico será ultrapassado dentro dos próximos anos, talvez até mesmo em 2011.

Os números refletem a extensão em que imigrantes de lugares como México, Índia e Filipinas estão fincando raízes nos EUA, gerando filhos que estão mudando a face do país ao mesmo tempo em que eles assimilam a cultura local.

Essa mudança também cria novos desafios para profissionais de marketing e transforma as relações raciais baseadas na tradicional divisão entre negros e brancos para uma mistura mais complexa de questões. E também está levando mais problemas para escolas e outras instituições, e fazendo da imigração um dos assuntos mais polêmicos do país - como ficou evidente na lei do Arizona que fez da imigração ilegal um crime e que exige que a polícia questione pessoas sobre sua situação imigratória se houver suspeita de que estão nos EUA sem permissão.

Várias forças estão levando os EUA a se tornarem um país de "maioria de minorias". Mulheres brancas estão tendo menos crianças. Mas mulheres de minorias, especialmente hispânicas, estão em sua melhor fase de ter filhos.

Embora a recessão tenha reduzido o ritmo da transformação por tornar todo mundo menos disposto a iniciar famílias, nascimentos de não brancos continuaram ocorrendo em maior número que o de brancos. Entre a população latina - que, para efeito estatístico do censo, inclui os imigrantes brasileiros -, por exemplo, houve mais ou menos nove nascimentos para cada morte; para brancos a relação foi cerca de um por um.

A cidade de Charlotte, na Carolina do Norte, e localidades vizinhas no Condado de Mecklenburg oferecem um microcosmo das mudanças que estão ocorrendo por todo o país. Em 1990, 96,6% do condado era branco ou negro, com o restante composto na maioria de asiáticos e hispânicos. Hoje, 83,7% é branco ou negro, e os registros de nascimento mostram que o crescimento de outros grupos, em particular hispânicos, tornou os jovens brancos numa minoria.

Uma estátua de Mahatma Gandhi, presente dado dois anos atrás pela Associação de Herança Asiática local, está em frente ao fórum. Nos últimos meses, a Food Lion, uma rede de supermercados, incluiu milhares de alimentos hispânicos em 19 de suas lojas na região de Charlotte, e batizou os corredores e prateleiras onde eles ficam de "Sabor Latino".

Ki-Hyun Chun, um imigrante coreano, abriu uma pequena firma de contabilidade voltada para imigrantes nos anos 70. Hoje, além de sua firma, ele dirige a biblioteca asiática, com 130 mil livros, e um jornal impresso em chinês e coreano, tudo em seu edifício nos limites do centro de Charlotte.

A alteração já "mudou nossa definição de diversidade", diz Ann Clark, diretora acadêmica da Secretaria de Educação de Charlotte-Mecklenburg. A secretaria, por exemplo, fazia treinamento para seus professores superarem preconceitos raciais que geralmente tratavam

de negros e brancos. Agora, a secretaria se foca mais em integrar crianças que vivem na pobreza ou não falam inglês em casa.

Em 2006, o ano mais recente em que há dados sobre nascimentos no condado por etnia, 43% das crianças nascidas no condado de Mecklenburg foram brancos não hispânicos, segundo uma análise de dados do Centro para Controle de Doenças feita por Johnson, o demógrafo da Universidade de New Hampshire. Entre a "maioria de minorias", 30,1% são negros, 21,2% são hispânicos e 5,5%, asiáticos.

Por toda a cidade, organizações de direitos civis, grupos empresariais e outras instituições estão formando coalizões étnicas, como a Associação Comercial Asiática.

Os EUA estão há décadas no caminho de se tornar um país mais diversificado. Cidades como Los Angeles e Chicago há muito têm "maioria de minorias". Mas, nos últimos dez anos, a assimilação e o boom imobiliário levaram a diversidade para além das grandes cidades - o portão de entrada da imigração - e rumo a subúrbios e Estados que não atraíam imigrantes.

Philip Maung mudou-se de Myanmar para Los Angeles em 1989. Na tentativa de abrir uma empresa em 1997, Maung mudou para Charlotte e abriu a Hissho Sushi, que vende sushi em quiosques dentro de aeroportos e supermercados. Ele diz que saiu de Los Angeles em busca de uma "comunidade pequena, onde eu pudesse falar diretamente com os banqueiros".

Hoje, Maung dirige a companhia num prédio perto do aeroporto de Charlotte. Ele tem uma sala de refrigeração com caixas até o teto cheias de peixes e um outro espaço gelado onde uma dúzia de empregados começam a fazer sushi às 3h30. "Numa cidade maior, como Nova York ou Los Angeles, eu não teria chance", diz Maung, que tem duas crianças, ambas nascidas em Charlotte.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 11 jun. 2010, Primeiro Caderno, p. A12.